

Lívia Maria Tiéde

Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), Programa Internacional de Pós-Doutorado, São Paulo, SP, Brasil.

liviatiede@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0755-7018>

Métodos para a pesquisa biográfica: o caso de um “homem de cor” no pós-abolição

Biographical Research Methods: A Case Study of a “Man of Color” from the Post-Abolition Era

Resumo: Este artigo utiliza a experiência de pesquisar a vida de um “homem de cor” – que nasceu após a Lei do Ventre Livre (1871) e viveu até meados do século XX – para demonstrar como os historiadores podem combinar fontes primárias e metodologias diversas para construir biografias. O artigo está dividido em quatro seções: primeiro ilustra a importância de compreender os indivíduos negros do período como parte de uma categoria subalterna. Na segunda parte, descreve estratégias que podem permitir aos pesquisadores extrair novos significados de fontes primárias, como a imprensa negra de São Paulo, que já foram amplamente utilizadas. Em seguida, fornece exemplos práticos de como outros documentos textuais e visuais revelam a presença oculta de indivíduos de cor no passado. Depois de considerar o campo dos debates em curso da biografia histórica, conclui que os estudos que empregam métodos da micro-história têm a capacidade distinta de centralizar a agência de forma a complementar as grandes interpretações sistêmicas.

Palavras-chave: Biografia; “Homens de cor”; Imprensa negra.

Abstract: This article uses the experience of researching the life of a “man of color” – who was born after the free womb law (1871) and lived into the mid-twentieth century – to demonstrate how historians can combine primary sources with methodologies to build biographies. The paper is divided into four sections: it first illustrates the importance of understanding Black individuals from that era as part of a subaltern category. In the second part, it outlines strategies that can enable researchers to extract

novel meaning from primary sources, such as the Black press in São Paulo, that have already seen extensive use. It then provides practical examples of how other textual and visual documents unveil the concealed presence of individuals of color in the past. After considering the field of historical biography's ongoing debates, it concludes that studies employing microhistorical methods have the distinct capacity to center agency in ways that complement macro-historical interpretations.

Keywords: Biography; "Men of color"; Black press.

Subalternização de homens e mulheres "de cor"

Os indivíduos negros "nascidos de ventre livre" no Brasil, junto daqueles que conquistaram a alforria antes do dia 13 de maio de 1888, reunidos aos emancipados pela Lei n.º 3.353, foram considerados "novos" cidadãos a partir da instauração da República. Mas algumas comunidades urbanas formadas por pessoas pretas e negras, de pele escura e clara, preferiam ser chamadas de "homens e mulheres de cor"¹.

O presente artigo foi escrito por meio das reflexões ensejadas por uma pesquisa que produziu a biografia histórica de um "homem de cor" paulista.² Nascido de mãe escravizada em 1875, ele foi tutelado por um padrinho branco até atingir a idade adulta. No ano de 1900, estabeleceu residência na cidade de São Paulo, juntamente com sua esposa e filhos. Além de patriarca de uma família respeitada no meio negro paulistano, ele foi também um agente público exemplar, participante assíduo de clubes e associações, dedicado irmão na Confraria dos Remédios, e influente

¹ Todos os termos de época referidos constantemente em documentos época, serão mencionados entre parênteses. No caso de "homem de cor", trata-se de um termo de autorreferência utilizado pela comunidade negra, especialmente até meados dos anos de 1920, que será mantido ao longo do artigo. Um exemplo de documento que debate os termos para nomear a cor da pele em meados do século XX, pode ser conferido em: Frederico Baptista de Souza, "Na Penha - Chamaram me Negro", *O Clarim d'Alvorada*, 1929.

² Para algumas referências de biografias historiográficas, ver: João José Reis, *Domingos Sodré, Um Sacerdote Africano: Escravidão, Liberdade e Candomblé na Bahia do Século XIX*, São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 16-17; Carolina Vianna Dantas, "Monteiro Lopes (1867-1910), um "líder da raça negra" na capital da República", *Afro-Ásia*, 41 (2010), pp. 167-209; Hebe Mattos, "De Pai para Filho: África, Identidade Racial e Subjetividade nos Arquivos Privados da Família Rebouças (1838-1898)," in: Myriam Cottias e Hebe Mattos (ed.), *Escravidão e subjetividades: no Atlântico luso-brasileiro e francês* (Séculos XVII-XX), Marseille: Open Edition Press, 2016, pp. 2-33; Mário Augusto Medeiros da Silva, "Rastros do Cisne Preto: Lino Guedes, um Escritor Negro pelos Jornais (1913-1969)," *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro) 30, no. 62 (2017): 597-622; Keila Grinberg, *A Black Jurist in a Slave Society: Antônio Pereira Rebouças and the Trials of Brazilian Citizenship*, (trans. Kristin M. McGuire), Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2019.

jornalista da imprensa negra paulistana, tendo escrito mais de cinquenta artigos apenas entre 1918 e 1930³.

Não obstante ter sido letrado e culto, nem a educação, o trabalho duro, ou a integridade moral o protegeu do racismo. Sua família enfrentou mais de uma década de dificuldades financeiras devido à demora do empregador em conceder-lhe a primeira promoção, que levou quase vinte anos para ocorrer. Em 1919, durante a epidemia de “gripe hespanhola” (H1N1), ele sofreu a perda de uma filha pequena.⁴ O clube negro que ele liderava, além de ser alvo de assédio por parte de burocratas e policiais, finalmente fechou as portas depois de quase três décadas de insistência para permanecer em funcionamento⁵. Este “homem de cor” descreveu por diversas vezes ter vivido um luto muito denso quando um amigo seu, que foi uma liderança assertiva pelos direitos políticos das pessoas negras, faleceu de maneira suspeita em um acidente, em 1918⁶.

O racismo habitacional também impactou sua família, à medida que progressivamente seus locais de moradia se distanciaram das regiões centrais da cidade, e sua última residência foi adquirida em uma área periférica de São Paulo. Também na questão do trabalho, nos anos finais de sua carreira, seus empregadores prejudicaram seu processo de aposentadoria, obrigando-o a enfrentar a pobreza na velhice, apesar de suas contribuições para a associação de montepio da sua categoria. Em última análise, sua fama e reconhecimento na comunidade negra durante toda a vida, não transcenderam a sua morte em 1960. Ele recebeu uma atenção limitada e foi desconsiderado por boa parte da historiografia e sociologia brasileiras⁷.

Esse breve contexto biográfico do “homem de cor” chamado Frederico Baptista de Souza, auxilia a compreender como os indivíduos negros, urbanos e ilustrados, novamente foram subalternizados no Brasil

³ Lívia Maria Tiéde. *União da Raça: Frederico Baptista de Souza e a militância negra paulista no Brasil pós-abolição (1875-1960)*. Tese de Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, 2023.

⁴ Liane Maria Bertucci. *Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*, Campinas: Editora da Unicamp, 2004, pp. 90-173.

⁵ O Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos funcionou entre 1908 e 1931.

⁶ Lívia Maria Tiéde. *União da Raça*, op. cit. pp.118-124.

⁷ Mirian Nicolau Ferrara. *Imprensa Negra Paulista (1915-1960)*, São Paulo: FFLCH/USP, 1986, p. 54. George Reid Andrews. *Blacks & whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*, Madison: University of Wisconsin Press, 1991, p. 298, nf. 9. Paulina L. Alberto. *Terms of Inclusion: Black Intellectuals in Twentieth-Century Brazil*, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011, pp. 34-35. Ana Maria Fagundes; Flávio dos Santos Gomes. Por uma “Anthologia dos Negros Modernos:” Notas sobre Cultura Política e Memória nas Primeiras Décadas Republicanas, *Revista Universidade Rural*, 29 (2007), pp. 72-88. Paulino de Jesus Francisco Cardoso. *A luta contra a apatia: estudo sobre a instituição do movimento negro antirracista na cidade de São Paulo (1915-1931)*, Itajaí: Casa Aberta, 2012, pp. 53-59.

após a Abolição. Às pessoas como ele foi atribuída uma cidadania parcial, que não reconheceu adequadamente como a espoliação de seus antepassados, resultante de séculos de trabalho forçado – e que mal começou a ser reparada – impactou fundamentalmente a vida de pessoas negras no país.

Mulheres e homens negros, cidadãos livres da República brasileira, também foram confrontados por uma condição desleal de sobrevivência, coagidos a competir contra os imigrantes para obter sustento familiar. Os brancos, especialmente caucasianos muito claros, eram preferidos para os melhores postos de trabalho. Foram privilegiados também pela cobiça do Estado, que subsidiou a imigração europeia com vistas a branquear a população nacional. Esse desejo racista de branqueamento da sociedade brasileira teve impacto virulento nas regiões sul e sudeste do país⁸.

São Paulo se tornou um epicentro no processo de apagamento das experiências históricas das pessoas negras, fomentando uma aculturação supremacista, que até hoje ajuíza fervorosamente em benefício das origens brancas e europeias dos paulistas. Na contramão desse processo, esses homens e mulheres de cor se focaram em produzir uma mídia impressa, em forma de jornais de pequeno porte e circulação, escritos e dedicados aos indivíduos de cor. Essa imprensa negra registrou as memórias do passado – e daquele presente vivido –, refletiu sobre anseios comunitários, denunciou o “preconceito racial”, inspirou o desenvolvimento econômico, e promoveu diferentes projetos políticos e sociais de “elevação da raça”⁹.

Fontes bastante estudadas: considerações metodológicas

A imprensa negra paulista consiste em uma variedade de jornais produzidos por indivíduos negros ao longo do século XX. A princípio, esses periódicos podem parecer uma coleção de notas e artigos desconexos, cujas pessoas e as ideias não se diferem. A prática de investigá-los sem considerar a individualidade dos escritores – essencial, entretanto, para a construção de biografias – reforça essa falsa impressão. Esse equívoco ocorre porque ao folhear as páginas dos jornais negros, deparamo-nos com repetições de informações sobre bailes e ensaios, críticas e mexericos voltados à comunidade, e por vezes, alguma foto pálida da Princesa

⁸ Ver entre outros: Barbara Weinstein. *The color of modernity: São Paulo and the making of race and nation in Brazil*, Durham: Duke University Press, 2015, pp. 71-110.

⁹ Para “elevação racial”, ver: Kevin Kelly Gaines. *Uplifting the Race: Black Leadership, Politics, and Culture in the Twentieth Century*, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995, pp. 1-47.

Isabel. Passados mais de um século da produção desses escritos, tais elementos recorrentes e por vezes desconjuntados, podem sugerir aos pesquisadores uma homogeneização dos sujeitos que produziam e que se organizavam por meio desses periódicos.

Mas é através da observação pormenorizada dessa documentação que aparecem os homens e as mulheres dissidentes, – para além de personagens estabelecidos historicamente¹⁰ – que foram importantes ativistas na luta por plenos direitos civis das comunidades negras. Há que se fazer uma leitura que não subestime nem os sujeitos ou os conteúdos de seus jornais, especialmente, aqueles que foram escritos antes da década de 1920. Pois essas folhas apresentam os fundamentos essenciais para a compreensão do associativismo negro no Brasil¹¹. Afinal a imprensa negra nasceu dos clubes e associações de cor¹². Essas sociedades, por sua vez, emergiram de ideais abolicionistas e de práticas avessas à “discriminação racial”¹³. Por meio desses papéis, jornalistas explicitaram, com aguda intenção, uma perspectiva radicalmente igualitária em termos de raça, com vistas a gestar um mundo menos excludente para as pessoas negras na era republicana¹⁴.

Os exemplares dos periódicos escritos por homens de cor paulistas estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), e no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) da Unicamp. Esses jornais fazem parte de uma coleção de microfilmes intitulada “Jornais da Raça Negra”, originária dos periódicos guardados por José Correia Leite, posteriormente cedidos à pesquisadora Miriam Nicolau Ferrara, que os doou ao IEB¹⁵. Apesar de comumente consideradas iguais, há outras coleções desses impressos, em que o olhar atento ao detalhe pode surpreender ao desvendar números perdidos. Como um exemplo, a coleção disponível no Arquivo Público do Estado de São Paulo (AESP) e no

¹⁰ Como José Correia Leite e Arlindo Veiga dos Santos, para ficar em poucos exemplos. Ver: José Correia Leite e Cuti (org.) *...E disse o velho militante José Correia Leite...*, São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992; Teresa Maria Malatian. *O Cavaleiro Negro: Arlindo Veiga dos Santos e a Frente Negra Brasileira*. São Paulo: Alameda, 2015.

¹¹ Lúcia Helena Oliveira Silva e Regina Célia Lima Xavier. “Historicizando o Associativismo Negro: Contribuições e Caminhos da Historiografia,” *Mundos do Trabalho*, 11 (2019), pp. 1-15, Mário Augusto Medeiros da Silva. “Associativismo negro”, in: Flavia Rios, Márcio André dos Santos, Alex Ratts (ed.), *Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2023, pp. 46-51.

¹² Kim Butler. *Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post-Abolition São Paulo and Salvador*, New Brunswick: Rutgers University Press, 1998, pp. 68-128.

¹³ Sobre a relação entre abolicionistas e a imprensa negra paulista ver: Livia Maria Tiéde. *União da Raça*, op. cit., pp. 46-56.

¹⁴ Livia Maria Tiéde. *União da Raça*, op. cit.

¹⁵ Miriam Nicolau Ferrara. *Imprensa Negra Paulista (1915-1960)*, São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

Centro de Documentação e Memória da UNESP (fundo Clóvis Moura) tem exemplares diferentes daqueles que estão na Hemeroteca Digital Brasileira (HDB).

Como demonstração prática, segue abaixo uma tabela que apresenta a segunda fase do jornal *O Clarim d'Alvorada*, que teve maior circulação nos anos de 1930. Mas aqui, a principal intenção é destacar que alguns desses exemplares estão disponíveis apenas no acervo físico do Arquivo do Estado de São Paulo (AESP) e não podem ser acessados online, ao contrário dos que estão na base de dados da Hemeroteca Digital Brasileira (HDB).

Título do jornal	Localização	Dia	Mês	Ano	Número	Edição
<i>Clarim d'Alvorada</i>	HDB	25	1	1930	23	6
<i>Clarim d'Alvorada</i>	HDB	13	4	1930	25	7
<i>Clarim d'Alvorada</i>	HDB	13	5	1930	26	7
<i>Clarim d'Alvorada</i>	AESP	27	7	1930	28	7
<i>Clarim d'Alvorada</i>	HDB	22	8	1930	29	7
<i>Clarim d'Alvorada</i>	HDB	28	9	1930	30	7
<i>Clarim d'Alvorada</i>	AESP	7	12	1930	31	7
<i>Clarim d'Alvorada</i>	AESP	13	5	1931	32	8
<i>Clarim d'Alvorada</i>	AESP	21	6	1931	33	8
<i>Clarim d'Alvorada</i>	HDB	26	7	1931	34	8
<i>Clarim d'Alvorada</i>	AESP	23	8	1931	35	8
<i>Clarim d'Alvorada</i>	HDB	28	9	1931	36	8
<i>Clarim d'Alvorada</i>	AESP	8	11	1931	37	8
<i>Clarim d'Alvorada</i>	HDB	20	12	1931	38	8
<i>Clarim d'Alvorada</i>	HDB		1	1931	39	9
<i>Clarim d'Alvorada</i>	AESP	27	3	1932	40	9
<i>Clarim d'Alvorada</i>	HDB	13	5	1932	41	9
<i>Clarim d'Alvorada</i>	AESP	13	5	1933	42	10
<i>O Clarim</i>	HDB		3	1935	1	2
<i>O Clarim</i>	HDB		5	1935	1	4

Tabela 1 – Exemplares do jornal *Clarim d'Alvorada* (1930-1940).

Fontes: Arquivo do Estado de São Paulo (AESP) e Hemeroteca Digital Brasileira (HDB).

Outros números encobertos de jornais da imprensa negra também podem ser encontrados em compilações aparentemente semelhantes, como aquelas que constam dos microfilmes guardados na *Benson Latin American Collection, University of Texas (Austin)*, *Jornais da Imprensa Negra – Michael Mitchel Collection* e na *Library of Congress (Washington D.C.)*, sob o título de “*The Black Press of Brazil: a collection of 31 titles spanning 1916-1969*”.

Um exemplo incrível de “novos achados de velhos papéis” vem do fato de que, recentemente, a diretora do Arquivo Nacional do Brasil, Ana Flávia Magalhães Pinto, anunciou a descoberta de exemplar “inédito” do jornal negro *O Progresso*¹⁶. Datado do final do século XIX, esse periódico pioneiro foi editado por Theóphilo Dias de Castro, um influente homem de cor, que deu a seu filho o nome de Theóphilo Booker T. Washington, em uma evidente homenagem ao líder negro estadunidense¹⁷. A descoberta desses números do jornal, outrora encobertos pelo tempo, certamente proporcionará novas informações sobre esses e outros indivíduos negros que, até agora, permaneceram quase ou totalmente esquecidos pela história.

É primordial que os pesquisadores não se deem por vencidos ao analisar fontes já bastante estudadas, e que estejam dispostos a reinterpretar, e quiçá reencontrar documentos tidos como clássicos, e coleções entendidas como definitivas. É preciso encontrar o “deus nos detalhes”, para usar um termo da micro-história, mesmo em compilações consideradas amplamente conhecidas¹⁸. Aproveitar todos os conjuntos disponíveis, antecipando possíveis alterações, contribui para uma visão mais abrangente da imprensa negra paulista e da vida de homens e mulheres de cor.

Metodologicamente, ao comparar essas diversas coleções, e analisar suas semelhanças e diferenças, o pesquisador pode criar listagens adicionais de títulos de jornais, atentar para nomes de sujeitos olvidados e desvelar distintas redes de sociabilidade. Portanto, o trato cuidadoso com as fontes evita também que se perca de vista tanto os indivíduos, quanto os debates que foram cruciais para as comunidades de cor. A partir das biografias de pessoas negras, que foram negligenciadas em observações

¹⁶ Caroline Nunes e Dindara Paz. “190 anos de imprensa negra: história, luta e legado”, Portal Terra. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/190-anos-de-imprensa-negra-historia-luta-e-legado,18f1676bad6079a767c0e1321d3a7cdbzvu0hfpz.html> acesso em 31 de outubro de 2023.

¹⁷ Magalhães Pinto se debruçou sobre trajetórias de intelectuais negros que, em fins do século XIX, circularam em São Paulo e no Rio de Janeiro. A pesquisa amplia os horizontes sobre a atuação desses sujeitos, e restabelece uma espacialidade compartilhada. Os intelectuais pesquisados pela historiadora são: Ferreira de Menezes, Luiz Gama, Machado de Assis, José do Patrocínio, Ignácio de Araújo Lima, Arthur Carlos e Theóphilo Dias de Castro. A tese de Magalhães Pinto, *Fortes laços em linhas rotas*, foi transformada em livro; Ana Flávia Magalhães Pinto. *Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas: Editora Unicamp, 2018, pp. 234-235. Para Booker T. Washington, ver: Robert J. Norrell. *Up from history: the life of Booker T. Washington*, Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 2009. Ver também: Livia Maria Tiede. *União da Raça, op. cit.*, pp. 129-138.

¹⁸ Carlo Ginzburg, Carlo Poni e Enrico Castelnuovo. “O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico”, in: *A micro-história e outros ensaios*, Lisboa: Difel, 1989, pp. 169-178; Carlo Ginzburg. “Conjunctive Anomalies: A Reflection on Werewolves”, *Revista de Estudios Sociales*, 60 (2017), pp. 110-118.

mais amplas, emergem elementos inovadores para a pesquisa histórica, com o potencial de enriquecer os debates historiográficos.

Ao explorar o nome e as contribuições de um escritor em meio a todos os exemplares da imprensa negra ao longo de sua existência, a pesquisa revelou que sua atuação ultrapassou as expectativas previamente estabelecidas por acadêmicos antecessores. Isso permitiu vislumbrar os debates e as ideologias ao longo do tempo, por meio da perspectiva de um membro significativo da comunidade, que havia sido deixado de lado. A abordagem também visava desvincular os jornais dos homens de cor de classificações temporais e reivindicações políticas criadas posteriormente, buscando compreender os conteúdos de forma hermenêutica, e priorizando as ideias apresentadas por Frederico Baptista de Souza durante o período de seu ativismo.

Sobretudo, é fato que os periódicos negros sozinhos não são suficientes para se reconstruir a trajetória de vida de seus jornalistas. Afinal, apresentam séries incompletas e números mutilados, uma característica que resulta em lacunas nas investigações. Assim sendo, torna-se essencial conduzir uma análise crítica entre os jornais da imprensa negra de distintos períodos, como aquela produzida no final do século XIX, em comparação com periódicos surgidos posteriormente, que contam com séries mais completas. Ao realizar uma análise dessa imprensa na longa duração, torna-se possível investigar se – e de que maneira – os biografados permaneceram, se afastaram ou foram excluídos das mobilizações negras ao longo do século XX.

Métodos para a construção de biografias de indivíduos negros

Após a emancipação dos escravizados, e especialmente no início do século XX, as autoridades se abstiveram de registrar informações sobre a cor das pessoas nos documentos oficiais¹⁹. A ausência dessa informação dificultou o acesso de pesquisadores ao reconhecimento racial de pessoas, e desafiou a compreensão sobre o recrudescimento do racismo após o término da escravidão. Nos últimos dois decênios, historiadores quebraram as barreiras causadas pelas eventuais lacunas documentais, e buscaram formas criativas para encontrar variados tipos de registros que desvendassem dados sobre a vida de sujeitos negros²⁰.

¹⁹ Hebe Maria Mattos. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista - Brasil século XIX*. 3a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

²⁰ Paulina L. Alberto. *Black Legend: The Many Lives of Raúl Grigera and the Power of Racial Storytelling in Argentina*. New York: Cambridge University Press, 2022. João José Reis. "From Slave to Wealthy African Freedman: The Story of Manoel Joaquim Ricardo",

Para a constituição mais concreta de biografia de mulheres e homens “de cor” também é importante cruzar informações das folhas negras com fontes literárias, memoriais, documentos trabalhistas, e especialmente, verificar os nomes dos indivíduos em jornais de grande circulação. No caso específico de Frederico Baptista de Souza, utilizei obras de Monteiro Lobato, contemporâneo nascido e criado na mesma região que o biografado, para contrapor as informações sobre a sua infância em Taubaté. Ainda sobre as fontes literárias, cruzei dados da imprensa negra com escritores célebres da época, como Olavo Bilac, tanto em suas crônicas, como na revista produzida e editada por ele na primeira década do século XX. Livros de memorialistas que narram histórias sobre a cidade de São Paulo também foram utilizados para comparar as recordações com as informações encontradas na grande imprensa.

Os documentos da Faculdade de Direito da USP foram fundamentais para a pesquisa, fornecendo informações decisivas sobre a carreira profissional de Frederico que, de outra forma, teriam se perdido. Explorei sua pasta de funcionário e todos os documentos relacionados ao seu emprego.

No Arquivo Histórico Municipal de São Paulo (AHM), analisei estatutos e licenças de clubes e associações, bem como documentos da Secretaria de Justiça e Segurança Pública. Em relação à documentação de associações, utilizei as Atas da Sociedade Cooperadora Clarim da Alvorada, parte do acervo de Clóvis Moura no Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM).

Também realizei pesquisas em documentos relacionados a habitação e moradia. No Cartório da Penha de França, tive acesso à documentação das propriedades de Frederico e de seu filho José Martinho de Moura Baptista. Para alguns registros de casamento e nascimento, recorri à base de dados online *FamilySearch*.

Em Taubaté, no Arquivo Histórico Municipal Felix Guisard Filho, consultei documentos cartoriais e inventários do século XIX, além dos jornais da cidade, que, por razões desconhecidas, não estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira.

in: *Biography and the Black Atlantic*, pp. 131-145. Lucilene Reginaldo. “André do Couto Godinho: Homem Preto, Formado em Coimbra, Missionário no Congo em Fins do Século XVIII.” *Revista de História* (São Paulo), 173 (2015), pp. 141- 174; Flávio dos Santos Gomes e Petrônio Domingues (eds.). *Experiências da Emancipação: Biografias, Instituições e Movimentos Sociais no Pós-Abolição (1890-1980)*, São Paulo: Selo Negro Edições, 2011; Rebeca Natacha de Oliveira Pinto. “De Chocolate: identidade negra, teatro e educação no Rio de Janeiro da Primeira República”, Dissertação de Mestrado: Universidade Federal Fluminense, 2014; Luara dos Santos Silva. “‘Etymologias Preto’: Hemetério José dos Santos e as Questões Raciais de seu Tempo (1888-1920)”. Dissertação de Mestrado: CEFET, 2015.

Busquei otimizar plenamente o uso da Hemeroteca Digital Brasileira. Para alcançar esse objetivo, desenvolvi várias abordagens para a pesquisa onomástica no site, persistindo na modificação dos métodos de busca, tanto em termos temporais quanto nominais. Assim, consegui dados mais abrangentes do que o habitual em uma pesquisa simples. Analisei os principais jornais de grande circulação do período, tanto em São Paulo quanto em outros estados brasileiros. Além disso, investiguei jornais de menor porte, incluindo periódicos operários e femininos.

Dediquei tempo à pesquisa de revistas paulistanas, especialmente aquelas com conteúdos fotográficos, curando uma variedade de imagens (fotografias e desenhos) que incluíam pessoas negras, entre os anos de 1900 até 1929. Muitas dessas imagens não capturaram gentes de cor intencionalmente, mas deixam entrever pessoas subalternizadas circulando em espaços que eram majoritariamente frequentados por gente branca.



Figura 1 – Jockey Clube

Fonte: *A Vida Moderna*, (1918). Nesta fotografia vê-se um grupo de mulheres brancas bem-vestidas, à direita e a frente de um homem branco usando gravata e chapéu, há uma jovem mulher negra que carrega um bebê branco.

Considerando a riqueza de imagens nas publicações da primeira metade do século XX, um período marcado pela euforia da reprodutibilidade técnica da fotografia, acredito que ignorá-las seria negligenciar uma forma crucial de registro histórico. Além disso, utilizei fotografias relacionadas às guerras e revoltas ocorridas em São Paulo, priorizando a representação de sujeitos negros. Também empreguei mapas históricos, os georreferenciando para o contexto atual, com o

objetivo de tornar mais acessível a compreensão geográfica contemporânea.

Finalmente, tive a ideia bem-sucedida de buscar os descendentes de Frederico em uma viela no bairro da Penha de França, em São Paulo, nomeada em homenagem ao seu filho mais velho, José Martinho de Moura Baptista. Primando o tratamento ético sobre o passado, consegui estabelecer contato com os membros da família Baptista: Dona Nancy Baptista Andrade Ramos, Laura Grigas Baptista e sua filha Hannah, Simone Baptista e Glauber Baptista Ramalho, respectivamente neta, e bisnetos de Frederico. Eles foram muito prestativos, fornecendo cópias de várias fotos de família, incluindo a que segue abaixo, gentilmente cedida por Glauber.



Figura 2 – Família Baptista em 1942

Fonte: Acervo da família Baptista. Descrição original no verso da imagem: em casa do genro José Arruda, à rua Pérsio Azevedo, nº 15, Penha, na antiga chacinha "D. Maria Carlota". No 1º. Plano, da esquerda para à direita: Frederico, Inez (neta) e Rosaura (filha), 2º. Plano: Leopoldina e Chiquinha (amigas), Luiza (esposa), Daisy (neta), Durvalina (filha), 3º. Plano: Wilton (criança), Arruda (genro), Waldete (bebê) e Ivone (neta).

Além disso, os Baptistas fizeram a gentileza de disponibilizar tempo para várias conversas, compartilhando relatos e histórias pessoais, anteriormente guardadas com zelo no âmago da família. Com eles, confirmei que o "p" no sobrenome não é mudo. Fiquei sabendo que Frederico, chamado de "vô Baptista", tinha uma biblioteca enorme onde

os netos se deitavam no chão para ouvir as histórias do vovô sobre os tempos de bailes e guerras.

Escutei as lembranças doces sobre os saborosos quitutes e biscoitos preparados pela "vó Luiza", a esposa de Frederico, que viveu até os cem anos de idade²¹. Por outro lado, a sua neta – agora uma senhora, a Dona Nancy – lembra-se de que quando era criança ficava assustada quando as anciãs da família narravam as angustiantes memórias sobre o tempo da escravidão. A companheira de Frederico, Luiza de Moura Baptista, foi cativa durante a infância. E sua mãe viveu a maior parte da sua existência como escravizada no Vale do Paraíba.

Obviamente, cruzar fontes faz parte do trabalho essencial ao historiador. Mas então, o que ganhamos em termos acadêmicos ao nos dedicarmos a biografias de sujeitos subalternizados?

Reflexões sobre o campo da biografia: o macro, o micro e a agência histórica

Muitos pesquisadores sociais e estudiosos têm conduzido investigações que entrecruzam informações de variados documentos com o propósito de estabelecer um quadro mais abrangente das biografias de indivíduos negros no Brasil. Esse esforço demonstra que a compreensão do passado pode ser refinada com o emprego das lentes corretivas dos métodos biográficos, que ajudam a ajustar o foco de maneira mais precisa: as narrativas emergentes da vida de Frederico possibilitam uma compreensão mais aprofundada da história social e cultural do associativismo negro em São Paulo.

A história individual, quando associada a pesquisas que focam em nomes e à micro-história, contribui para "formular questões abrangentes a partir de recortes mais específicos"²². Esse propósito, no entanto, é mais ambicioso do que pode parecer, sendo um guia intelectual e não objetivo concreto. Um dos benefícios associados ao emprego de métodos biográficos é que, ao destacar o indivíduo, a agência dos sujeitos torna-se palpável²³.

²¹ Tal como a mãe de Frederico, a mãe de Luiza também fora escravizada, pois, Luiza era "filha da escrava Benedicta". Foi assim que ela foi apresentada em uma notícia de 1973, que a homenageava pelos seus cem anos de idade: "Luiza, filha da escrava Benedicta, fez ontem um século", *O Estado de São Paulo - Suplemento: Gente*, 1973.

²² Charles W. Joyner. *Shared traditions: Southern history and folk culture*, Urbana: University of Illinois Press, 1999, p. 1.

²³ Hans Renders, Binne De Haan e Jonne Harmsma. "The Biographical Turn: Biography as critical method in the humanities and in society", in: *The Biographical Turn: Lives in History*, London/ New York: Routledge, 2017, p. 4.

Essa declaração, no entanto, frequentemente se contrapõe de maneira crítica aos grandes sistemas explicativos, especialmente da história econômica, demográfica e política. Argumenta-se que ao lidar com grandes contingentes populacionais e amplos períodos, esses sistemas tendem a ser redutores, perdendo de vista os rostos e a individualidade dos sujeitos históricos, tornando a agência algo imperceptível²⁴. Ao analisar os sistemas explicativos, pode-se ignorar a crucial interação entre o micro e o macro, onde as biografias se destacam. No “jogo de escalas” entre os amplos modelos explicativos e as ações individuais, emergem as confirmações, tradições e repetições, assim como as incertezas, contradições e rupturas²⁵. Resumidamente, é daí que se origina a base para a aferição historiográfica²⁶.

Assim, negligenciar a existência da unidade – e, por conseguinte, da agência – no todo induz ao equívoco. Contar uma trajetória de vida sem considerar a causalidade e as consequências dos modelos que explicam as grandes dinâmicas de poder não é aconselhável. Em última análise, os sistemas explicativos são implementados e vivenciados por pessoas, portanto, não é coerente afirmar que são apenas abstrações sem conexão com a experiência vivida²⁷. O macro e o micro se complementam e, sobretudo, se corrigem reciprocamente: a agência está presente em cada indivíduo e, portanto, no conjunto das vidas.

Para nova história social, o conceito de agência foi elaborado para demonstrar que, a despeito das amarras legais da escravidão, os indivíduos mantinham e expressavam o livre arbítrio (a vontade própria, *free will*) tanto para o exercício de atividades triviais do cotidiano de qualquer ser humano, quanto para organizar e executar planos complexos de resistência e dismantelamento do sistema escravista. Agência, portanto, não é sinônimo de resistência, obviamente. Como foi esclarecido por Walter Johnson no clássico artigo *On Agency*, traidores, cúmplices e colaboracionistas também têm agência, e a humanidade não pode ou deve ser condicionada à rebeldia. Durante a luta de ativistas negros e aliados por Direitos Civis nos Estados Unidos, entretanto, insistir na

²⁴ Lisa A. Lindsay e John Wood Sweet (org.), *Biography and the Black Atlantic*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2014, pp. 1-16; Hans Renders, Binne De Haan e Jonne Harmsma. “The Biographical Turn”, *op. cit.*, pp. 3-4.

²⁵ Volker R. Berghahn e Simone Lässig (org.). *Biography between structure and agency: Central European lives in international historiography*, New York: Berghahn Books, 2008, pp. 6-7.

²⁶ Hans Renders, Binne De Haan e Jonne Harmsma. “The Biographical Turn”, *op. cit.*, pp. 6-7.

²⁷ Joseph C. Miller. “A Historical Appreciation of the Biographical Turn”, in: *Biography and the Black Atlantic*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2014, pp. 20-21.

máxima de que os escravos tinham vontade própria, era crucial para desestabilizar pressupostos racistas²⁸.

No Brasil, as reflexões sobre a agência e resistência foram forçadas em meio a Ditadura Militar, e posteriormente na abertura democrática, o que refletiu nas perguntas e estratégias feitas por historiadores em formação nesse período. Principalmente, em se tratando da história da escravidão, ainda se mantinha firme a concepção de harmonia entre raças no país, senão nos espaços acadêmicos, certamente no senso comum, à revelia das contribuições críticas a essa ideia, feitas por historiadores e sociólogos das gerações anteriores, como Emília Viotti da Costa, Fernando Novais e Florestan Fernandes, para ficar entre poucos exemplos.

A nova história social brasileira persevera na agência e na resistência dos escravos como categoria de análise. Por meio de investigação rigorosa de fontes documentais, que tinham tido pouco investimento intelectual até então, historiadores como Silvia H. Lara, Robert W. Slenes e João José Reis, entre muitos outros exemplos, qualificaram um panorama menos submisso e mais crítico da historiografia da escravidão no Brasil. A agência, e principalmente, a resistência foram e são investigadas por que é por meio delas que sujeitos privados da liberdade tinham possibilidades de rejeitar o sistema escravista. Isso não é dizer que resistência e agência são a mesma coisa. Como pontua Walter Johnson, “dar agência aos escravos” é no máximo benevolência²⁹. Mas, reconhecer o livre arbítrio de indivíduos brutalmente atingidos pelo nada ameno sistema escravista brasileiro, foi, e ainda é, uma correção indispensável para o entendimento da história brasileira, e, sobretudo, do mundo Atlântico.

Uma das conceitualizações que vem sendo feita pelos pensadores da “virada” ou “renascença biográfica” está aderida à agência – à capacidade autônoma, ou à livre vontade – debatida de forma interdisciplinar com a pedagogia e a psicologia³⁰. A razão para isso é que, dentre os desafios do método, se postulam questões sobre a intencionalidade construída ou inferida, bem como da ilusão da completude da narrativa biográfica³¹.

²⁸ Walter Johnson. “On Agency”, *Journal of Social History*, 37 (2003), pp. 113-124.

²⁹ Idem, p. 121.

³⁰ Volker R. Berghahn e Simone Lässig (org.). *Biography between structure and agency*, op. cit., p. 7.

³¹ “Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.” pp. 189-190. Pierre Bourdieu. “A Ilusão Biográfica”, in: Marieta de Moraes Ferreira e Janaína de Amado (org.), *Usos & Abusos da História Oral*, Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1995, pp. 183-191.

Para não invadir o campo da análise do discurso, trago como inspiração o próprio E. P. Thompson, que enfrentou, segundo suas próprias palavras, problemas de “autoindulgência” ao escrever a história de vida de William Morris. No prefácio da edição de 2011, Peter Linebaugh, discípulo e coautor de obras com o historiador britânico, conta que E. P. Thompson escreveu pelo menos três versões diferentes da história do grande comunista, em 1951, 1955 e 1977³².

A exemplo do mestre, podemos insistir na biografia como método, ainda que haja necessidade de se conter tendências de complacência com o biografado(a). Entender a vidas de sujeitos subalternizados faz do passado anônimo um meio para se responder perguntas do presente. Isso não implica, contudo, que esta seja uma tarefa menos árdua, do ponto de vista do trabalho metodológico e dos questionamentos éticos incididos pelas trajetórias individuais. Durante a pesquisa e construção de uma narrativa biográfica não é incomum que o pesquisador se veja equivocadamente querendo justificar as ações do sujeito investigado, desvendar os seus desejos inconfessos, e criar uma lógica interna de suas intencionalidades a partir de questionamentos pessoais.

Verifiquei no trabalho prático que é ao objetar as escolhas do sujeito aos sistemas explicativos, e tentar usar a trajetória como contrapeso no jogo de escalas, que os limites do método biográfico testam os pesquisadores. Contudo, se o autor de “A Miséria da Teoria”³³ enfrentou décadas limpando os excessos de sua obra, contento-me em ser inspirada pelos caminhos sinuosos do mestre.

Essa confissão, embora um tanto apologética, busca destacar que é a contraposição entre os dados da vida de um indivíduo e as análises das conjunturas que proporciona caminhos para a aferição na ciência histórica. A prática biográfica questiona, reposiciona e contesta conhecimentos antes considerados inquestionáveis, ao mesmo tempo em que legitima, sustenta e avança esses entendimentos, possibilitando o surgimento de novas formulações³⁴.

Conforme indicam os editores do compêndio *The Biographical Turn*, Hans Renders, Binne de Haan e Jonne Harmsma³⁵, o método colaborou para “a correção de imprecisões sobre o entendimento e a interpretação do

³² E. P. Thompson. *William Morris: romantic to revolutionary*, Oakland: PM Press, 2011.

³³ E. P. Thompson. *The poverty of theory & other essays*, New York: Monthly Review Press, 1978.

³⁴ Hans Renders, Binne De Haan e Jonne Harmsma. *The Biographical Turn*, op. cit., p. 5-6.

³⁵ Hans Renders. “The Biographical Method”, in: *Theoretical discussions of biography: approaches from history, microhistory and life writing*, Leiden/ Boston: Brill, 2020, p. 225.

passado”³⁶. Assim, esses deslocamentos que se originam das trajetórias individuais atuam como uma "lente ou microscópio" para a retificação³⁷, um aspecto que valida a experiência investigativa no processo de construção de biografias de sujeitos às margens do poder econômico e social.

Em conclusão, destaco que a abordagem biográfica, aliada à história social, desempenha um papel fundamental na reflexão, investigação, organização e narrativa das histórias de sujeitos subalternizados. A partir do indivíduo e de suas experiências, se faz possível compreender os alcances e limites de atuação de pessoas que não ocuparam o centro político, não estiveram nas agendas sociais de alto escalão dos governos e nem mesmo em comunidades destacadas historicamente.

Referências

- ALBERTO, Paulina L. *Black Legend: The Many Lives of Raúl Grigera and the Power of Racial Storytelling in Argentina*. New York: Cambridge University Press, 2022.
- ALBERTO, Paulina L. *Terms of Inclusion: Black Intellectuals in Twentieth-Century Brazil*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011.
- ANDREWS, George Reid. *Blacks & Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*. Madison: University of Wisconsin Press, 1991.
- BERGHAHN, Volker R.; LÄSSIG, Simone (org.). *Biography Between Structure and Agency: Central European Lives in International Historiography*. New York: Berghahn Books, 2008.
- BERTUCCI, Liane Maria. *Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína de (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1995.
- BUTLER, Kim. *Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post-Abolition São Paulo and Salvador*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998.
- CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. *A luta contra a apatia: estudo sobre a instituição do movimento negro antirracista na cidade de São Paulo (1915-1931)*. Itajaí: Casa Aberta, 2012.
- COTTIAS, Myriam; MATTOS, Hebe (ed.). *Escravidão e subjetividades: no Atlântico luso-brasileiro e francês (Séculos XVII-XX)*. Open Edition Press: Marseille, 2016.
- DANTAS, Carolina Vianna. "Monteiro Lopes (1867-1910), um 'líder da raça negra' na capital da República", *Afro-Ásia*, 41 (2010), pp. 167-209.
- FAGUNDES, Ana Maria; GOMES, Flávio dos Santos. "Por uma 'Anthologia dos Negros Modernos': Notas sobre Cultura Política e Memória nas Primeiras Décadas Republicanas", *Revista Universidade Rural*, 29: 2 (2007), pp. 72-88.
- FERRARA, Mirian Nicolau. *Imprensa Negra Paulista (1915-1960)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.
- GAINES, Kevin Kelly. *Uplifting the Race: Black Leadership, Politics, and Culture in the Twentieth Century*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995.

³⁶ Hans Renders, Binne De Haan e Jonne Harmsma. *The Biographical Turn*, op. cit., p. 5-6.

³⁷ Idem, pp. 5-6.

- GINZBURG, Carlo. "Conjunctive Anomalies: A Reflection on Werewolves", *Revista de Estudos Sociais*, 60 (2017), pp. 110–118.
- GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico. "O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico", in: *A micro-história e outros ensaios*, Lisboa: Difel, 1989, pp. 169–178.
- GOMES, Flávio dos Santos; DOMINGUES, Petrônio (ed.). *Experiências da Emancipação: Biografias, Instituições e Movimentos Sociais no Pós-Abolição (1890–1980)*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.
- GRINBERG, Keila. *A Black Jurist in a Slave Society: Antônio Pereira Rebouças and the Trials of Brazilian Citizenship*. (trans. Kristin M. McGuire), Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2019.
- JOHNSON, Walter. "On Agency", *Journal of Social History*, 37: 1 (2003), pp. 113–124.
- JOYNER, Charles W. *Shared traditions: Southern history and folk culture*. Urbana: University of Illinois Press, 1999.
- LEITE, José Correia. *...E disse o velho militante José Correia Leite...* São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- LINDSAY, Lisa A.; SWEET, John Wood (org.). *Biography and the Black Atlantic*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2014.
- MALATIAN, Teresa Maria. *O Cavaleiro Negro: Arlindo Veiga dos Santos e a Frente Negra Brasileira*. São Paulo: Alameda, 2015.
- MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista - Brasil século XIX*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- NORRELL, Robert J. *Up from history: the life of Booker T. Washington*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 2009.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas: Editora Unicamp, 2018.
- PINTO, Rebeca Natacha de Oliveira. "De Chocolate: identidade negra, teatro e educação no Rio de Janeiro da Primeira República", Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, 2014.
- REGINALDO, Lucilene. "André do Couto Godinho: Homem Preto, Formado em Coimbra, Missionário no Congo em Fins do Século XVIII." *Revista de História* (São Paulo), 173 (2015), pp. 141–174.
- REIS, João José; SODRÉ, Domingos. *Um Sacerdote Africano: Escravidão, Liberdade e Candomblé na Bahia do Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- RENDERS, Hans. *Theoretical discussions of biography: approaches from history, microhistory and life writing*. Leiden/ Boston: Brill, 2020.
- RENDERS, Hans; DE HAAN, Binne; HARMSMA, Jonne. *The Biographical Turn: Lives in History*. London/ New York: Routledge, 2017.
- SILVA, Luara dos Santos. "'Etimologias Preto': Hemetério José dos Santos e as Questões Raciais de seu Tempo (1888-1920)". Dissertação de mestrado, CEFET, 2015.
- SILVA, Lúcia Helena Oliveira; XAVIER, Regina Célia Lima. "Historicizando o Associativismo Negro: Contribuições e Caminhos da Historiografia", *Mundos do Trabalho*, 11 (2019), pp. 1–15.
- SILVA, Mário Augusto Medeiros da. "Rastros do Cisne Preto: Lino Guedes, um Escritor Negro pelos Jornais (1913–1969)", *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro) 30: 62 (2017), pp. 597–622.
- THOMPSON, E. P. *William Morris: romantic to revolutionary*. Oakland: PM Press, 2011.
- THOMPSON, E. P. *The poverty of theory & other essays*. New York: Monthly Review Press, 1978.
- TIÊDE, Livia Maria. *União da Raça: Frederico Baptista de Souza e a militância negra paulista no Brasil pós-abolição (1875-1960)*. Tese de doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, 2023.
- WEINSTEIN, Barbara. *The color of modernity: São Paulo and the making of race and nation in Brazil*. Durham: Duke University Press, 2015.

Recebido em: 31/10/2023.

Aceito em: 11/12/2023.